Scholl, 1992, 33-75

Eu ainda vejo minha irmã diante de mim, como ela estava bem disposta na manhã seguinte, pronta para viagem e cheia de expectativa. Uma margarida amarela do jardim da mãe estava enfiada ao lado de sua têmpora, e ela estava linda, como só ela, os cabelos castanhos escuros lisos e brilhantes caindo sobre os ombros. Com seus grandes olhos castanhos ela avaliava o mundo, examinando tudo com um interesse vivo. Seu rosto ainda era infantil e delicado. Ela tinha dentro de si um pouco da curiosidade farejante de um animal jovem e uma grande seriedade. Quando Sophie finalmente entrou no Hall da estação de Munique ela viu de longe a alegria no rosto do seu irmão. Como aí, em um instante tudo se tornou seguro e familiar! “Hoje à noite você vai conhecer meus amigos“, disse Hans. Ele ia ao lado dela grande e seguro.

À noite todos se encontraram no quarto de Hans. Além de Sophie, o centro da comemoração era seu bolo de aniversário, uma raridade naqueles tempos. Alguém teve a ideia de declamar poemas e os outros teriam que adivinhar de qual poeta seria. Todos estavam fascinados com este jogo. “Agora então vou propor uma adivinha bem difícil.“ disse Hans entusiasmado. Ele vasculhou sua carteira, tirou uma folha datilografada e leu em voz alta:

„ Da caverna escura vem
Um bandido a vagar
Bolsas ele gostaria de agarrar
E encontra algo de mais valor:
Ele encontra uma luta
por nada, um desorientado saber,

um estandarte rasgado
um povo em sua fraqueza.

Ele encontra, onde vai,
O vazio de tempos mesquinhos,
Aí ele pode avançar descaradamente
 E então se torna um profeta;
Sobre um lixo ele coloca
Seus pés de patife
E sussurra suas saudações
Ao mundo perplexo.

Envolto em infâmia
Assim como numa nuvem
Um mentiroso diante do povo
Logo se reveste de grande poder
Com ajudantes em número
Que estão por toda a parte
Espreitando a oportunidade
De oferecem a sua escolha.

Eles partilham as palavras dele,
Como outrora o mensageiro de Deus
Havia feito com cinco pães,
Mas isso nos suja mais e mais!
Primeiro mentiu sozinho, o cão,
Agora mente a seus milhares;
E como uma tempestade que ruge,
Assim lucra com uma moeda.

Lança para o alto a semente,
As terras estão mudadas.
A multidão vive na desonra
e ri do miserável feito!
Agora se torna verdade,
O que foi inventado primeiramente:
Os bons desaparecem,
Os maus tiram a desforra!

Quando antigamente essa Miséria
Longa como gelo quebrado,
Então é dito sobre isso
Como da morte negra;
Um espantalho constroem
as crianças sobre o pântano
Para queimar o desejo de sofrimento
E luz do velho Amanhecer”

Por um instante reinou o silêncio. “Isso é excelente”. Disse Christl perplexo.

“Grandioso, Hans. Devia dedicar ao Führer. Isso é do Völkischen Beobachter[[1]](#footnote-2)”, disse Alex, encantado com o duplo sentido dos versos. De quem pode ser o poema –
 “Foi escrito no século passado por Gottfried Keller.” - “Tanto melhor: Nós poderíamos mandar imprimir sem precisar pagar os direitos autorais e espalhar de avião por toda a Alemanha”.

Sophie se lembrou da garrafa de vinho. Alex propôs gelar o vinho no jardim inglês.
 “Vamos ver a lua, grande e dourada como um bom ovo estrelado. Nós precisamos saboreá-la”. Eles foram para o jardim inglês e arrastaram euforicamente a garrafa com um longo barbante, atravessando o riacho *Eisbach* que estava quase congelado. Alex havia trazido a balalaica e começou a cantar. Hans pegou o violão. Eles de repente estavam entusiasmados e cantavam selvagens, alegres e enfeitiçados.

Naquela noite Sophie dormiu no quarto de seu irmão. Ela refletia ainda sobre a sua noite. Primeiro os estudantes contaram sobre seu trabalho nos hospitais e nos hospitais de campanha, onde eles prestavam serviço durante as férias. “Não há nada mais bonito do que ir de leito em leito e salvar com suas mãos a vida em perigo. Acho que esses são os momentos em que eu sou ilimitadamente feliz”, dissera Hans. “Mas não é sem sentido”, perguntou alguém de repente, “que fiquemos em casa, em nossos quartos, estudando como curar as pessoas, enquanto o Estado mata diariamente incontáveis vidas humanas jovens? O que nós estamos de fato esperando? Até que um dia a guerra acabe e todos os povos apontem para nós e digam que suportamos tal governo sem resistência?”

De repente surgira a palavra resistência. Sophie não se lembrava mais quem a havia dito primeiro. Em todos os países da Europa ela despertava sob a urgência, o medo e a opressão que se instalavam com o domínio de Hitler.

Ainda ao adormecer Sophie repassou o poema de Gottfried Keller em seus pensamentos, e meio dormindo ela viu um céu azul sobre a Alemanha cheio de panfletos esvoaçantes, que rodopiavam até o chão. “Devíamos ter um mimeógrafo”, ela ouviu Hans dizer de repente.

 “Como?”
 “Ah, esqueça, Sophiesinha, eu não quis te perturbar.”

Por meio de um jovem teólogo protestante, tomamos conhecimento naquela época das “correções” nos princípios básicos da fé cristã que foram preparadas pelo Estado, para serem feitas depois da vitória final. Medonhas e perversas intervenções eram planejadas secretamente pelas costas dos homens que estavam nos fronts e tinham de suportar fadigas indescritíveis.

 Do mesmo modo misteriosamente foram preparadas prescrições perversas para moças e mulheres. Elas deveriam, depois da guerra, reparar as terríveis perdas humanas através de um plano igualmente indecente, previsto na política populacional. O *Gauleiter[[2]](#footnote-3)* Gießler, durante uma grande assembléia para os estudantes, disse às alunas que elas não deviam ficar “passeando” pela universidade durante a guerra, mas sim “preferir presentear o Führer com um filho[[3]](#footnote-4)”.

 Os estudantes haviam descoberto um professor, que era com certeza a melhor parte de toda a universidade. Era o Professor Huber, professor de Sophie em filosofia; ele havia construído um nome na área de estudos de canções folclóricas. Por causa dele, os estudantes de medicina apareciam também em suas aulas, onde era preciso chegar cedo ou não se encontraria lugar. Quanto à posição política de Huber, não era difícil para seus correligionários entre os estudantes perceberem nas alusões ocultas nas aulas. Ele falava sobre Leibniz e sua Teodicéia. Eram aulas magníficas. Teodicéia, isto é: justificação de Deus. A Teodicéia era um capítulo extenso e complicado da filosofia. Especialmente durante a guerra. Pois, como reconhecer a mão de Deus em um mundo que se baseia em assassinato e miséria?

Se um professor como Huber apresentava tal interpretação, esta se tornava uma experiência inesquecível, que lança luz sobre um presente que não só queria se colocar além da ordem divina, mas até mesmo eliminar Deus. Não demorou muito até que Hans travasse conhecimento com o Professor Huber e este ia de quando em quando ao círculo deles para discutir.

O professor se mostrava, como todos os demais, ardentemente interessado nos problemas por eles levantados. E ainda que seus cabelos estivessem se tornando grisalhos, ele era um dos seus iguais.

Sophie estava a apenas seis semanas em Munique, quando aconteceu algo inacreditável na Universidade. Folhetos passando de mão em mão, folhetos saídos de um mimeógrafo. Uma curiosa excitação surgiu entre os estudantes. Triunfo, entusiasmo, rejeição e raiva agitavam-se e ardiam desordenadamente. Sophie regozijou-se secretamente quando ouviu sobre isso. Então isso estava mesmo no ar. Finalmente alguém ousou fazer algo. Ela pegou avidamente na folha e começou a ler. “O panfleto da Rosa Branca”, estava escrito em cima. “Não há nada mais indigno para um povo civilizado do que se deixar ‘governar’ sem resistência por uma corja irresponsável de déspotas, movida por ímpetos obscuros...”. Os olhos de Sophie se moviam rapidamente. “Se cada um esperar que o outro tome a iniciativa, os mensageiros da vingativa Nêmesis se aproximarão inexoravelmente, até que a última vítima tenha sido lançada inutilmente à garganta do demônio insaciável. Eis porque, consciente de sua responsabilidade como membro da cultura cristã e ocidental, cada um deve, nesta hora derradeira, resistir da melhor maneira possível, combater o flagelo da humanidade, o Fascismo e qualquer outro sistema de Estado Absoluto semelhante a ele. Ofereçam resistência passiva – *resistência* – onde quer que estejam, impeçam que essa maquinaria de guerra ateísta continue avançando, antes que seja tarde demais, antes que as últimas cidades se reduzam a montes de escombros, como Colônia, e antes que o último jovem do nosso povo seja imolado em algum lugar pela Hybris de um sub-homem. Não esqueçam que cada nação merece ter o governo que ela tolera...”

Sophie achou essas palavras estranhamente familiares, como se elas estivessem em seus próprios pensamentos. Uma desconfiança instaurou-se dentro dela e agarrou seu coração com uma mão gélida. E se a observação de Hans sobre um mimeógrafo tivesse sido mais do que palavras descompromissadas ditas de forma desatenta? Mas não, nunca!

Quando Sophie saiu da universidade para o sol claro, essa angústia afastou-se dela. Como ela pôde ter essa suspeita louca! Naquele momento, em Munique, isso borbulhava por um instante em todos os cantos diante da indignação oculta.
Poucos minutos depois, ela estava no quarto de Hans. Lá cheirava a jasmim e cigarros. Pendurado nas paredes com ajuda de alfinetes algumas reproduções de novos pintores franceses. Sophie ainda não tinha visto seu irmão hoje, provavelmente ele estava na clínica. Ela quis esperar por ele ali. Ela esqueceu-se do panfleto. Folheou um pouco o livro que estava sobre a mesa. Então, ali estava uma passagem vinda de uma marca de leitura e com um risco a lápis fino na margem. Era um antiquado volume clássico de Schiller e a página aberta tratava sobre a legislação de Licurgo e Sólon. Ela leu: “Tudo deve ser sacrificado para o bem do Estado, só não aquilo que serve para o próprio Estado como um recurso. O Estado em si nunca é a finalidade, ele é apenas importante como uma condição sob a qual se pode atingir o objetivo da humanidade e esse objetivo da humanidade não é outro senão o desenvolvimento de todo potencial humano, o progresso. Se a constituição impede o desenvolvimento de toda a força, que se encontra nas pessoas, se ela impede o progresso da mente, do espírito, então ela é condenável e nociva, não importa o quão bem pensada e perfeita ela seja a sua maneira...”.

Onde ela tinha lido essas palavras, essa não tinha sido a primeira vez hoje?- O Panfleto! Era lá que estavam essas frases. Esse foi um momento longo e torturante, como se ela nunca mais fosse ser ela mesma. Um medo sufocante tomou conta dela e uma grande e única acusação contra Hans se instaurou nela. Por que logo ele? Ele não pensou no pai, nos familiares queridos que já estavam em perigo de qualquer maneira? Por que ele não deixou isso para as pessoas políticas, gente com experiência e prática? Por que ele não conservou sua vida para uma grande tarefa, ele, com seu talento extraordinário? Mas o pior de tudo era que ele agora era um fora da lei. Ele tinha saído da última zona de segurança. Agora ele estava na área de risco, à margem da vida, nessa enorme zona, na qual um novo país deve ser conquistado, passo a passo, para as pessoas lutarem, vencerem, sofrerem.

 Sophie tentou torna-se senhora de seu medo. Ela tentou não pensar mais no panfleto, ela já não pensava em resistência. Ela pensava em seu irmão que tanto amava. Ele se jogou em um mar de ameaças. Ela deveria deixá-lo sozinho agora? Ela poderia ficar aqui e observar como Hans corria para perdição? Ela não deveria ajudá-lo agora?

 Meu Deus, não podia parar tudo mais uma vez? Ela não podia puxá-lo de volta para um lugar seguro e conservar ele, seus pais e ela própria, o mundo e a vida? Mas ela sabia exatamente: ele ultrapassara os limites por detrás dos quais as pessoas se instalam de modo acolhedor e seguro. Para ele não havia mais volta.

 Finalmente, Hans chegou.

“Você sabe de onde vêm os panfletos?” perguntou Sophie.

“Não se deve saber algumas coisas atualmente para não pôr ninguém em perigo.”

“Mas, Hans, não se consegue algo assim sozinho. Se hoje só podemos saber de tal coisa no boca a boca, isso mostra como esse poder é pavoroso, é capaz de corroer até as relações humanas mais íntimas e nos isolar. Sozinho você não conseguirá nada contra eles.”

 No tempo que se seguiu, apareceram, em um curto intervalo, três outras folhas da Rosa Branca. Elas surgiram também fora da universidade, elas esvoaçavam por toda Munique aqui e ali nas caixas de correio. E também foram espalhadas em outras cidades do sul.

Depois não se soube mais nada sobre elas.

Na companhia estudantil correu o boato que durante as férias do semestre os estudantes de medicina deveriam ser destacados para uma missão no front. De repente, pouco antes do encerramento do semestre, esse boato se tornou realidade por meio de uma ordem. Da noite para o dia, eles deveriam estar preparados para fazer transferência para a Rússia.

Os amigos se reuniram novamente; era a última noite antes da transferência. Eles queriam festejar a despedida. O professor Huber também tinha ido e ainda outros estudantes de confiança tinham sido convidados. Embora já tivesse passado semanas, estavam todos ainda sob o efeito dos panfletos. Nesse meio tempo, os outros tinham se colocado de modo cauteloso semelhante ao de Sophie perto de Hans e haviam se tornado confidentes e cúmplices da grande responsabilidade. Nesta última noite, eles queriam mais uma vez refletir e discutir tudo de maneira pormenorizada, e no fim de um sério debate, eles tomaram uma decisão: se eles tivessem sorte de regressassem da Rússia, deveriam então expandir a ação da Rosa Branca, revendo com muito cuidado o começo ousado e o transformando em resistência rigorosa. Era consensual que o círculo precisava ser ampliado. Cada um deveria com grande cuidado, testar quem, de seus amigos e conhecidos, seria confiável o suficiente para ser iniciado. A cada um deveria ser confiada uma pequena e importante tarefa. Os fios de todos deveriam convergir para as mãos de Hans.

“Nossa tarefa será”, disse o Professor Huber, “trazer a verdade a tona de maneira clara e perceptível na escuridão alemã. Nós precisamos buscar a fagulha da resistência, que arde em milhões de corações alemães dignos, atiçar, e com isso fazer flamejar a clareza e a coragem. Os indivíduos sozinhos e isolados que estão contra Hitler precisam perceber que um grande grupo de espíritos com ideias afins está com eles. Isso traria coragem e perseverança. Além disso, nós precisamos tentar esclarecer para aqueles alemães que ainda não têm clareza sobre as intenções obscuras de nosso regime e também despertar neles a decisão pela resistência e defesa honesta. Talvez dê certo de última hora, livrar-se da tirania e utilizar o maravilhoso momento para construir junto com outros povos da Europa um mundo novo e humano.”

“E se não der certo?” levantou-se uma questão, “Eu duvido muito que seja possível ir contra a parede de ferro de medo e horror, que sufoca cada vontade de levante ainda no gérmen.”

“Apesar disso precisamos arriscar”, replicou Christl apaixonadamente. “Então temos que mostrar por meio de nossa postura e dedicação que ainda não acabaram com a liberdade do ser humano. Um dia aquilo que é humano precisa ser sustentado e elevado, então chegará um dia em que haverá uma virada novamente. Nós precisamos arriscar esse “não” contra o poder que se coloca arrogantemente sobre o mais íntimo e particular das pessoas e que quer exterminar aqueles que discordam dele. Nós precisamos fazer isso por amor à vida, essa responsabilidade ninguém pode nos tirar. O Nacional socialismo é o nome para o mal, uma doença mental que atacou nosso povo. Nós não devemos ver e calar se aos poucos o povo for destruído.”

 Naquela noite eles ficaram reunidos por muito tempo. Em tais conversas, por meio dos prós e contras das opiniões e pensamentos, eles adquiriram a clareza, a visão sólida que era necessária para seguir internamente, pois não é pouco o esforço que se faz para nadar contra a corrente. Ainda seria difícil e amargo precisar desejar a derrota militar do próprio povo; parecia ser para eles a única possibilidade para se libertarem do parasita que suga a sua própria medula. Então os estudantes partiram. Munique se tornou estranha e vazia para Sophie. Com o começo das férias do semestre ela foi para casa.

Sophie não estava há muito tempo em casa quando o pai recebeu lá, pelo correio da manhã, um libelo do Tribunal Especial. Fora encenada uma audiência, na qual ele foi condenado a quatro meses de prisão. O pai na prisão e os irmãos e amigos todos no front na Rússia, todos longe e inatingíveis.

Tudo se tornou muito quieto em casa. Mas apesar disso, era bom e Sophie saboreou estar em casa. Era como um navio que avançava tenaz e constante sobre o profundo e lúgubre mar deste tempo. Como um navio – mas que estremece e treme às vezes – como um bote sobre uma forte, escura e imprevisível onda.

Durante uma trovoada - ela estava com o pequeno jovem que morava em sua casa e que amava muito Sophie -, eles subiram para o terraço no alto da casa para salvar rapidamente as roupas da tempestade que ser aproximava. Depois de um poderoso e estrondoso trovão a criança levantou os olhos cheio de medo para ela. Então, Sophie lhe mostrou o para-raio. Depois que ela tinha explicado a função, ele perguntou: “Mas sabe o bom Deus alguma coisa sobre o para-raio?”

“Ele sabe tudo sobre para-raio e muito mais ainda, senão não haveria mais nem uma pedrinha sobre a outra neste mundo. Você não precisa ter medo.”

Aqui e ali a mãe recebia visitas de suas antigas amigas, irmãs diaconisas de *Schwäbisch Hall*. Lá era uma grande instituição religiosa para crianças portadoras de deficiências mentais.

Um dia veio novamente uma das irmãs; ela estava triste e amedrontada e nós não sabíamos como podíamos ajudá-la. Finalmente ela contou o motivo da sua preocupação. Seus protegidos estavam a algum tempo sendo levados em caminhões por destacamentos da SS e sendo mortos em câmaras de gás. Quando o primeiro grupinho não voltou de sua excursão misteriosa surgiu uma estranha inquietação nas crianças da instituição.

“Para onde foram os carros, Tia?”- “ Eles foram para o céu.”, respondeu a irmã em sua impotente desorientação. A partir daí as crianças embarcavam cantando no estranho carro.

“Mas só por cima do meu cadáver.” Deveria ter dito um médico da tal instituição. Só mais tarde confessou-se que uma oposição persistente contra essa prática de assassinatos não tinha dado resultado. Assim, o pastor Fritz de Bodelschwingh[[4]](#footnote-5) pôde junto com seu com seu colega, o pastor Paul- Gerhard Braune conseguir que o plano de morte dos nazistas em Betel[[5]](#footnote-6) não pudesse ser concluído.

Um soldado veio em férias da Rússia para casa. Ele era pai de uma dessas crianças e ele ouviu que não era de se esperar que ela recuperasse a saúde dos sentidos. Ele amava esse ser como justamente só se pode amar o próprio filho. Mas quando ele voltou da Rússia, não encontrou novamente a criança com vida.

Uma feliz coincidência conduziu Hans para perto do irmão mais novo no front. Essa alegria e surpresa aconteceu quando de repente no meio da vasta Rússia uma voz muito familiar perguntou por Werner em frente ao Bunker.

Em um dia dourado no fim do verão, Hans recebeu a notícia da condenação do pai. Ele pegou um cavalo e se pôs a caminho de Werner. “Tenho uma carta de casa”, disse Hans e a estendeu para o irmão mais novo. Ele leu e não disse nem uma palavra. Ele olhou para longe comprimindo os olhos e se calou. Aí Hans fez algo incomum. Ele pôs a mão sobre o ombro do irmão e disse: “Temos que suportar isso de maneira diferente dos outros. Isso é uma condecoração.”

 Hans cavalgou lento de volta para sua Companhia. Uma melancolia infinita o preencheu. Lembranças ascendiam nele.

Durante a transferência para o front eles fizeram uma pausa de alguns minutos em uma estação polonesa. Em uma via, ele viu mulheres e moças jovens se curvando com picaretas de ferro nas mãos, fazendo trabalhos pesados de homem. Elas portavam a estrela amarela sionista no peito. Hans se lançou para fora da janela de seu vagão e foi em direção às mulheres. A primeira da fila era uma jovem debilitada com mãos magras e um rosto inteligente e bonito que indicava uma grande tristeza. Hans não tinha nada consigo. Com o que poderia presenteá-la?

Então ele se lembrou da sua “ração reserva”, uma mistura de chocolate, passas e nozes. Ele a deu disfarçadamente para ela, que lançou para ele de volta com um movimento de pés apressado. Ele recolheu o doce, sorriu para ela e lhe disse encarando-a: “Eu teria muito prazer em dar à senhora uma pequena alegria.” Então ele se abaixou, colheu uma margarida e colocou aos pés dela junto com o pacotinho. Mas o trem começava a se movimentar e com algumas frases longas ele embarcou saltando. Da janela ele a avistou em pé, seguindo o trem com os olhos e a margarida branca no cabelo.

Mais tarde ele viu os olhos de um ancião judeu no fim de um comboio de gente que ia para os trabalhos forçados. Era um rosto que expressava sapiência. Ele tinha dentro de si uma dor como Hans nunca tinha visto. Perplexo, ele pegou sua tabaqueira e a enfiou discretamente na mão do velho. Hans jamais se esqueceria do súbito laivo de felicidade que faiscou naqueles olhos.

Então ele pensou naqueles dias de primavera em seu hospital militar de origem. Um dos feridos deveria receber alta, tinha se recuperado maravilhosamente bem. Mas pouco antes de sua liberação, de repente a ferida começou a sangrar novamente. Todos os esforços foram em vão. O homem sangrava na mão dos médicos. Hans foi para fora, abalado. Então, ele encontrou no corredor a jovem esposa do homem que sangrava, que pretendia buscar seu marido, radiante de expectativa com um buquê de flores colorido nos braços.

Quando finalmente, quando o Estado reconheceria que nada deveria ser maior do que um pouco de alegria de milhões de pessoas comuns? Quando ele finalmente abriria mão de ideais que se esqueciam da vida, da vida simples e cotidiana? E quando reconheceria que o mais discreto e trabalhoso passo para a paz era maior, tanto para o indivíduo como para o povo, do que poderosas vitórias em batalha?

Os pensamentos de Hans vagavam na direção do pai, na prisão.

No fim do outono de 1942, quando Hans e seus amigos regressaram da Rússia o pai também estava novamente em liberdade.

As vivências no front e nos hospitais militares tinham amadurecido e endurecido Hans e seus amigos. Elas haviam mostrado a eles mais intensa e claramente a necessidade de se opor a esse Estado e ao monstruoso delírio de aniquilação. Os amigos tinham visto como lá fora a vida era colocada em jogo e desperdiçada. Já que a vida deveria ser arriscada por que não contra a injustiça que clamava aos quatro ventos? Eles haviam regressado; agora deveriam tornar séria a decisão que haviam tomado na noite de despedida.

Nas proximidades da moradia de meus irmãos havia uma casa de fundos com um espaçoso atelier. Um artista que estava bem próximo do seu círculo de amigos tinha colocado o espaço à disposição deles quando estava no front. Além disso, ninguém morava na casinha. Eles se encontravam lá frequentemente. Às vezes eles vinham juntos a noite e trabalhavam horas e horas no porão do atelier com o mimeógrafo. Era um grande teste de paciência tirar cópias de milhares e milhares de folhas. Mas finalmente sair da passividade e da inatividade e trabalhar os preenchia de grande satisfação.

Quantas noites felizes eles não queriam passar com esse trabalho. Mas essa alegria era ofuscada pela preocupação sobre-humana. Eles sentiam dor, como se estivessem ilimitadamente isolados e sabiam que talvez os melhores amigos se afastassem horrorizados. Pois, somente conhecer a situação já era um perigo monstruoso. Nessas horas, eles estavam bem conscientes de que trilhavam um estreito despenhadeiro. Quem saberia, portanto, se já não havia alguém na pista deles, se os vizinhos que eles cumprimentavam inocentemente já não haviam iniciado uma operação para prender a todos eles? Se havia alguém os seguindo pelas ruas, observando seus caminhos? E se já não haviam tirado suas digitais? O chão firme da cidade havia se transformado em um tecido frágil. Ele traria o amanhã para eles novamente? Cada dia que chegava ao fim era um presente da vida, e cada noite que rompia trazia a preocupação com o dia seguinte. Só o sono era um cobertor misericordioso. O desejo de libertarem-se só uma vez do pesado e arriscado feito e serem novamente livres e despreocupados, às vezes, os agarrava com uma força enorme. Havia momentos e horas nos quais tudo se tornava simplesmente pesado demais, a insegurança e o medo dava cabo deles como um mar e sepultava sua coragem. Então, nada mais permanecia neles, era como se descessem em seus próprios corações, lá onde uma voz dizia para eles que faziam o certo, e que deveriam fazê-lo mesmo se estivessem totalmente sozinhos no mundo.

Acredito que nessas horas eles podiam falar livremente com Deus, com Ele, a quem eles seguiram tateando em sua juventude. Nesta época, Cristo tornou-se neles o singular irmão mais velho, que sempre estava lá, ainda mais próximo do que a morte. O caminho que não permitia retorno, a verdade que respondia a tantas perguntas e a vida que preenchia plenamente a vida.

Outro trabalho importante junto à produção dos panfletos era a sua disseminação. Eles deviam atuar com resultados positivos, se possível, em tantas cidades quanto eles alcançassem. Eles nunca haviam feito algo semelhante antes. Tudo precisava ser planejado e testado. Quais possibilidades havia de se jogar os panfletos nas mãos das pessoas? Em quais lugares e locais poderiam colocá-los para que muitos olhos pudessem descobri-los sem, entretanto, encontrar uma pista sobre os autores? Eles colocavam os panfletos em uma mala e seguiam eles mesmos com a perigosa mercadoria para as grandes cidades do sul da Alemanha, a fim de espalhá-la ali. Eles estiveram em Frankfurt, Stuttgart, Viena, Freiburg, Saarbrücken, Mannheim, Karlsruhe.

Eles precisavam colocar sua bagagem em um local discreto no trem; aonde quer que fossem eles precisavam fazê-la passar por numerosas patrulhas das forças armadas, a polícia criminal ou mesmo a Gestapo, que inspecionavam os trens e muitas vezes as malas também. E nas cidades, nas quais chegavam frequentemente à noite e deparavam-se com os alarmes antiaéreos, eles precisavam tentar despachar sua encomenda de modo hábil e proveitoso. E que vitória quando tal viagem era feliz e corria bem e podiam dormir no trem, aliviados e livres com a mala vazia e inofensiva sobre si na rede de bagagem. E que preocupação a cada olhar que se prendia neles. Que sustos sempre que alguém vinha de encontro a eles e que alívio quando passava ao lado. Coração e mente, sentidos e razão trabalhavam ininterruptamente, levando em conta se havia alguma possibilidade de encobrir as pistas. Alegria e o sentimento de sucesso, aflição e preocupação, dúvida e risco – assim passavam os dias.

Era cada vez mais frequente, aparecer nos jornais notícias curtas sobre sentenças de morte, as quais o Tribunal do Povo decretava para determinadas pessoas, pois elas levantaram-se contra os tiranos de seu povo, mesmo que só com palavras. Hoje era um pianista, amanhã um engenheiro, um operário ou um diretor de uma fábrica. Entre eles havia padre, um estudante ou um oficial de alta patente, como Udet[[6]](#footnote-7), que caiu exatamente no momento em que começou a tornar-se um incômodo. Pessoas sumiam de cena silenciosamente, apagadas como velas na ventania. E quem não podia sumir silenciosamente, recebia um funeral do Estado. Eu ainda me lembro do funeral de Rommel[[7]](#footnote-8). Embora fosse um segredo conhecido, que os capangas de Hitler o obrigaram a se suicidar, todos estavam em Ulm; todo aquele que possuía um uniforme marrom foi convocado para presenciar a cerimônia, do mais jovem integrante da juventude hitlerista ao mais velho da SA. E ainda me recordo como eu andava devagar perto das bandeiras para não precisar cumprimentá-los.

 As últimas páginas dos jornais estavam cobertas com obituários dos que tombaram em batalha, com as características cruzes de ferro. Os jornais pareciam cemitérios.

Apenas a primeira página tinha um caráter diferente. Ela estava destinada através de manchetes insuportavelmente grandes como essa: “Ódio é nossa oração – e a vitória nossa recompensa”. E traços grossos e vermelhos, que pareciam veias inchadas de fúria, foram colocados embaixo.

Ódio é nossa oração...

Nós vamos continuar a marchar até que tudo caia aos pedaços...

Os jornais eram como campos minados. Não fazia bem a ninguém passear por eles. A Alemanha era uma pátria pobre e escura, era como um campo minado o tempo todo.

Os jornais ficaram calados e lacônicos, não só por causa da escassez de papel. Eles tinham a tarefa de consumar a escuridão total da mente alemã. Eles não contaram uma palavra sobre o padre do vilarejo que foi levado para cadeia, porque tinha incluído publicamente em seu pai-nosso dominical um prisioneiro de guerra morto que havia prestado trabalhos forçados lá.

Eles não falavam uma única palavra sobre o fato de que diariamente não era pronunciada apenas uma única sentença de morte, mas sim dúzias delas. O noticiário não olhou realmente para as prisões, as quais quase estouravam devido à superlotação, embora seus ocupantes parecessem mais sombra e esqueletos do que corpos humanos. Ele não via os rostos pálidos por trás das grades, não ouvia os corações batendo, o grito silencioso que atravessava a Alemanha inteira.

Ele não mencionou a jovem mulher que depois do ataque aéreo, como única coisa que ficara em sua pequena mala, estava seu filho morto, e que ela vagou perdida por Dresden procurando por um cemitério para enterrá-lo.

Ela não podia saber nada sobre o soldado alemão comum, que de repente, no meio da Rússia foi invadido pelo pavor quando viu uma mãe intrépida, decidida, entre os fronts, acompanhada pelo seu filho morto que arrastava pela mão, de quem ela não tinha a intenção de se separar de forma amigável.

O jornal não pôde também escutar as conversas que aconteceram entre amigos de meu pai e um padre da prisão em uma estação termal, na qual o sacerdote recuperava-se de um esgotamento nervoso. Ele teve que acompanhar diariamente muitos condenados a morte para a forca.

 O jornal também não viu o rosto pálido de cada prisioneiro que parecia a princípio radiante em frente ao portão depois do cumprimento de sua pena, para receber a sua aparente libertação e sua pequena meia felicidade, e ao invés disso, porém, ele recebia uma ordem de internação em um campo de concentração. Às vezes, parecia um milagre que a primavera ainda viria. A primavera chegou e trouxe flores ao mundo vazio e racionado, ela trouxe a esperança e as crianças brincavam na rua com suas brincadeiras antigas. No bonde de Munique, algumas crianças cantavam despreocupadas: “Tudo passou, todos perderam- também Adolf Hitler e seu partido”. Elas eram fora da lei a seu modo.

 Os adultos, no entanto, mal se atreviam a rir, embora ao olhá-los podia-se perceber que isso significava alguma liberdade para eles.

 Em uma noite, Sophie esperava por Hans. Eles moravam há algum tempo juntos em dois quartos espaçosos. Sua senhoria estava quase sempre no campo, pois tinha medo dos bombardeiros que rondavam Munique noite após noite. Sophie recebeu de casa um pacote com maçãs, manteiga, um grande pote de geléia, um pedaço gigantesco de rosca e até biscoitos. Quanta fartura nesse tempo de fome –uma ceia comum era agora uma festa. Sophie esperou e esperou. Ela estava feliz como há muito tempo não acontecia. Ela colocou a mesa e a água do chá começou a borbulhar.

Havia escurecido e nenhum sinal de Hans. A expectativa feliz de Sophie deu lugar a uma impaciência crescente. Ela teria ligado para os amigos de muito bom grado para saber onde ele estava. Mas não era possível, pois talvez a Gestapo vigiasse o telefone. Sophie foi à escrivaninha. Ela quis pelo menos tentar desenhar um pouco. Há muito tempo não acontecia algo assim. A última vez havia sido com Alex no verão passado. Mas esse tempo terrível sufocou tudo que não era pura luta pela sobrevivência. Um manuscrito estava sobre a mesa, um conto que ela inventou uma vez quando era criança e agora sua irmã tinha registrado para ela, pois Sophie queria muito fazer um livro ilustrado autêntico. Ah não, ela também não podia desenhar agora, a espera e a preocupação devoraram completamente sua fantasia. Por que Hans não vinha?

 Ela também pensou que não havia saída. O mundo inteiro estava sob uma névoa de tristeza, será que o sol não poderia nunca mais atravessá-la? Ela lembrou-se do rosto da mãe.

 Nele às vezes se esboçavam linhas de dor em volta dos olhos e da boca sobre as quais não havia palavras. Meu Deus – e deste modo milhares e milhares de mães...

 Nesse tempo, Sophie escreveu em seu pequeno diário: “Muitas pessoas acreditam que nosso tempo seria a último. Todos os terríveis sinais levam a crer nisso. Mas essa crença não tem pouca importância? Pois cada pessoa não deve, independente de quanto tempo ela vive, contar permanentemente com o instante em que será levado para diante de Deus para prestar contas? Afinal, eu sei se estarei viva amanhã de manhã? Uma bomba poderia aniquilar a todos nós hoje à noite. E então minha culpa não seria menor, como se eu acabasse junto com a terra e as estrelas. –Eu não posso entender, como hoje as pessoas ‚devotas‘ temem a existência de Deus, pois as pessoas seguem seus passos com armas e atos vergonhosos. Como se Deus não tivesse poder (eu sinto como tudo está em suas mãos), o *poder*. Apenas devemos temer a existência das pessoas, pois elas afastam-se dele, que é a vida delas.“

Essa semana a batalha de Stalingrado tinha atingido seu auge. Milhares de jovens foram empurrados para o impiedoso caldeirão da morte e deviam morrer de frio, de fome e esvair-se em sangue. Sophie viu os rostos cansados das pessoas no trem superlotado diante de si, debruçados sobre crianças pálidas dormindo, que fugiram da Renânia e dos grandes estados do norte... São Tomás de Aquino recomendara banho e sono como meio contra a tristeza. Dormir, isso era o que ela queria agora. Muito, muito profundamente. Quando ela tinha realmente descansado pela última vez?

Ela acordou com uma risada satisfeita e reprimida e com passos no corredor. Finalmente, Hans estava de volta. Temos uma surpresa magnífica para você. Quando amanhã você andar pela Ludwigstrasse, você deverá passar aproximadamente setenta vezes pelas palavras “Fora Hitler‘“. „E com a cor da paz, a qual eles não vão conseguir tirar tão rápido“, disse Alex entrando no quarto com Hans. Atrás dele apareceu Willi. Ele colocou silenciosamente uma garrafa de vinho sobre a mesa. Agora sim a festa podia acontecer. E enquanto os estudantes duros de frio se aqueciam, contaram da ousada brincadeira da noite.

Na manhã seguinte, Sophie foi um pouco mais cedo para a universidade do que de costume. Ela fez um desvio e andou pela Ludwigstrasse inteira. Lá estava finalmente grande e clara: „ Fora Hitler – Fora Hitler...”. Quando ela chegou a universidade, viu sobre a entrada na mesma cor: „Liberdade“. Duas mulheres estavam ocupadas com esfregões e areia, para apagar de vez a palavra. „Permitam que ela fique“, disse Sophie, „ todos devem ler o que foi escrito sobre isso“. As mulheres olharam-na sacudindo a cabeça. „Não entendem nada“. Eram duas russas, que haviam sido trazidas para Alemanha para trabalhos forçados.

Enquanto limpavam furiosa e arduamente a Ludiwigstrasse do clamor da Liberdade perdida, a faísca tinha saltado para Berlim. Um estudante de medicina, que tinha se tornado amigo de Hans encarregara-se de fundar lá uma célula da resistência, para reproduzir e continuar espalhando os panfletos feitos em Munique.

Willi Graf tinha estabelecido contato com estudantes de Freiburg, que decidiram agir e estavam prontos para colaborar com círculo de Munique.

Mais tarde uma estudante, Traute Lafrenz, levou um panfleto para Hamburgo e lá também encontrou um pequeno grupo de estudantes que apanharam e distribuíram o panfleto.

Então, Hans e seus amigos pensaram que uma célula deveria nascer em seguida da outra nas grandes cidades, das quais o espírito da resistência deveria se espalhar para todos os lados.

Logo depois de voltar do front oriental em novembro de 1942, Hans Scholl e Alexander Schmorell encontraram-se com Falk Harnack, irmão de Arvid Harnack do grupo de resistência Harnack/ Schulze-Boysen que caiu vítima de um massacre do Tribunal do Povo. Esse grupo tornou-se conhecido na Gestapo pelo nome “Orquestra Vermelha”. O encontro dos jovens com Falk Harnack deveria iniciar a ligação com um ponto central do movimento de resistência em Berlim. Com isso, Hans desenvolveu um plano para fundar células estudantis ilegais para todos os universitários alemães que deveriam realizar ações panfletárias abruptas e consensuais.

Falk Harnack aceitou promover um encontro de Hans e Alex com os irmãos Klaus e Dietrich Bonhoeffer no dia 25 de fevereiro de 1943 em Berlim. No entanto, nessa data Hans já estava morto e Alex em fuga.

Ainda tentava-se exterminar os vestígios das pichações nas ruas, e por fim colou-se algo por cima delas. Mas o professor Huber já estava fazendo o esboço de um novo panfleto que desta vez deveria ser dirigido, sobretudo, aos estudantes universitários.

Enquanto ele e Hans ainda lutavam por revitalizar no papel toda mágoa e indignação da Alemanha oprimida, Hans recebeu o aviso de que a Gestapo estava no seu encalço e que ele deveria contar com a sua prisão os próximos dias.

Hans estava disposto a esquecer essa informação obscura. Talvez as pessoas, -buscando fazer um bem à ele - tentassem deste modo dissuadi-lo de suas ações. Mas a imperfeição e a opacidade das coisas se precipitavam sobre ele em uma dúvida ardente.

Ele não deveria jogar para trás essa vida totalmente difícil na Alemanha com a ameaça constante e fugir para um país livre, para Suíça? Não deveria ser um problema para ele, um alpinista e esportista resistente, fugir ilegalmente pela fronteira. Ele já não tinha vivido situações o suficiente no front, nas quais seu sangue-frio e sua presença de espírito o salvaram?

Mas o que aconteceria com seus amigos, com seus parentes? Sua fuga levantaria imediatamente suspeita sobre eles e então ele poderia assistir da livre Suíça, como eles seriam arrastados para o Tribunal do Povo e para um campo de concentração. Ele nunca poderia suportar isso. Ele estava preso na Alemanha com cem fios, e o sistema diabólico estava tão bem montado que ele colocaria cem vidas humanas em risco, se ele mesmo fugisse. Ele devia assumir sozinho a responsabilidade. Ele devia ficar aqui para deter estritamente o círculo do mal se possível, mesmo que isso significasse atraí-lo para si próprio.

Nos dias seguintes, Hans passou a trabalhar com zelo dobrado. Ele passava noite após noite no porão do ateliê diante do mimeógrafo com seus amigos e Sophie. A tristeza e o choque de Stalingrado não podiam se acabar na rotina cinza, indiferente da vida cotidiana, não antes que um sinal para isso fosse feito, o de que os alemães não estavam dispostos a aceitar cegamente toda essa guerra homicida.

 Em uma quinta-feira ensolarada, era 18 de fevereiro de 1943, o trabalho tinha rendido tanto que Hans e Sophie, antes de irem para universidade, ainda puderam encher uma mala com panfletos. Ambos estavam satisfeitos e de bom-humor quando fizeram o caminho para universidade com a mala, embora Sophie tivesse tido um sonho durante a noite, o qual ela não conseguia afugentar: A Gestapo tinha aparecido e ambos tinham sido presos.

 Logo que os irmãos deixaram o apartamento, Otl Aicher, um amigo, tocou a campainha da porta deles, ele deveria lhes dar um aviso urgente. Como ele não conseguiu saber em parte alguma aonde eles tinham ido, ele esperou. Talvez tudo dependesse desse recado.

 Entretanto, os irmãos chegaram à universidade. E como lá em poucos minutos, os auditórios deveriam abrir, eles decidiram espalhar rapidamente os panfletos nos corredores e esvaziaram o resto de sua mala no segundo andar no hall de entrada da universidade, jogando-os para baixo. Mas dois olhos os espionavam. Eles tinham rompido com coração de seu dono e tinham se tornado lentes automáticas da ditadura. Esses olhos eram do zelador. Todas as portas da universidade foram imediatamente fechadas. Com isso, o destino de ambos foi selado.

 A Gestapo foi acionada rapidamente e levou meus irmãos para sua prisão, o famigerado *Wittelsbacher Palais[[8]](#footnote-9).* E então começou o interrogatório. Dias e noites, horas e mais horas. Cortados do mundo, sem contato com os amigos e na incerteza, se esses partilhariam o mesmo destino deles. Sophie soube por uma colega de cela que Christl Probst fora “internado” algumas horas depois deles. Pela primeira vez, ela perdeu a calma e um desespero furioso quis dominá-la. Christl, justamente Christl, a quem ela tinha tão cuidadosamente poupado, pois ele era pai de três crianças pequenas. E Herta, sua mulher, tinha dado a luz nesses dias ao mais novo. Sophie viu Christl diante de si, como ela o tinha visitado com Hans em um dia ensolarado de setembro, em sua pequena casa nas montanhas da Baviera. Ele tinha nos braços o filho de dois anos e olhava tranquilamente no seu rosto, como se estivesse enfeitiçado. Sua mulher mal podia acreditar na proteção dentro das próprias quatro paredes, pois anos antes seus dois irmãos durante a noite e neblina tiveram que fugir da Gestapo e ninguém sabia exatamente se eles ainda estavam vivos. Mas se ainda houvesse uma faísca de justiça nesse Estado, pensou Sophie desesperada, então nada podia, nada deveria acontecer a Christl.

Todas as pessoas que tiveram contato com eles naqueles dias, os companheiros de cela, os padres, os carcereiros e os próprios membros da Gestapo, ficaram fortemente impressionados com sua valentia e com a nobreza de sua postura. Sua serenidade e paz faziam um contraste notável com a tensão nervosa que reinava no prédio da Gestapo. A ação deles causou grande inquietação até mesmo nos altos escalões do Partido e do Governo.

Um triunfo mudo de uma liberdade impotente parecia se instituir aqui e a notícia disso corria como um primeiro vento de primavera pelas prisões e campos de concentração.

Muitos dos que os encontraram na prisão, nos relataram sobre seus últimos dias e horas antes da morte. Todos esses numerosos pequenos relatos de alguns dias de vivências intensas são como minúsculos imãs que ao se encaixarem formam um todo.

Era como se nesses dias pudessem condensar os muitos anos não vividos por meio de uma grande força de vida.

Após a morte de meus irmãos, meus pais, minha irmã Elisabeth e eu fomos presos devido à lei *Sippenhaft[[9]](#footnote-10)*. Na prisão, durante as longas horas de dor sem fim, eu refletia sobre o caminho de Hans e Sophie e procurava compreender o sentido de suas ações através do véu do luto.

No segundo dia da prisão de Hans e Sophie, ficou claro para eles que deveriam contar com a pena de morte, pois o peso das provas materiais tornou sem sentido todas as suas tentativas de ocultar os fatos, e eles vislumbraram isso e decidiram enveredar por um caminho absolutamente diferente: sobreviver até o fim da tirania e tomar parte em uma nova vida.

Ainda poucas semanas antes, Hans tinha esclarecido com determinação – talvez tendo em vista as numerosas penas de morte que eram sentenciadas naquela época: “Isso precisa ser evitado sob qualquer circunstância. Precisamos viver para estar aqui mais tarde, pois precisam de nós. Quanto a mim, prisão ou campo de concentração –posso agüentar. Mas não arriscar a vida”.

Entretanto a situação mudara de repente. Agora não havia mais retorno. Só restava agora uma alternativa: procurar ter cautela e sobriedade para envolver os outros o menos possível e incorporar mais uma vez com toda a clareza o que se tinha querido defender e sustentar: a independência e a liberdade do espírito das pessoas envolvidas...

Reinava entre eles, embora estivessem isolados um do outro, uma forte conivência: tomavam para si toda a “culpa”, toda, toda para livrar o outro. Na Gestapo se esfregava as mãos durante a extensa confissão. Os irmãos examinaram exaustivamente suas lembranças sobre o “crime” pelo qual eles podiam ser responsabilizados. Foi como uma grande luta pela vida dos amigos. A cada interrogatório bem sucedido eles retornavam as celas não raramente com um laivo de satisfação.

Assim, naqueles dias, eles precisavam encontrar uma conexão profunda com a vida em algum lugar do seu ser, que estava além dos vivos e ao mesmo tempo apartado da morte. As medidas que os policiais tomavam para evitar que cometessem suicídio eram quase ridículas e excessivas. Não podia haver qualquer lâmina ou objeto na cela e não era consentido que ficassem sozinhos; sempre deveria haver outro prisioneiro junto para que eles não dessem cabo de suas próprias vidas. Dia e noite fulguravam luzes intensas nas celas dos condenados a morte.

Horas duras diante da responsabilidade e das preocupações vieram, sobretudo para Hans. Os interrogatórios continuariam a correr como era preciso? Ele conservaria em todas às vezes a presença de espírito necessária para dar as respostas certas e, assim não deixaria escapar nenhum nome ou indícios suspeitos? Eles participavam do interrogatório com vívido interesse. Nas curtas pausas que concediam a eles, Hans podia, após os relatos de seu companheiro de cela, estar em descontraída alegria. Mas após seguidas e contínuas horas duras de preocupação com os amigos , de dor, ainda se precisava esperar pelas despedidas dos parentes.

Finalmente chegou a última manhã. Hans ainda mandou cumprimentos aos seus pais pelo seu companheiro de cela.

Ele estendeu-lhe a mão com vigor, quase festivo: “Nós precisamos nos despedir agora, enquanto ainda estamos sozinhos”. Nisso ele se virou em silêncio para a parede e escreveu algo na parede branca da cela, onde um grande silêncio reinava. Mal Hans largou o lápis e as chaves matraquearam e o carcereiro chegou, lhe colocou as algemas e o conduziu para a audiência. Para trás ficaram as palavras na parede branca, palavras de Goethe, que seu pai, num ir e vir pensativo, frequentemente murmurava de si para si. E sobre cujo pathos Hans muitas vezes precisou dizer rindo: “todas as violências e poderes podem ser contidos com oposição.”

A possibilidade de escolher um advogado não existia para eles. Na verdade, foi nomeado um defensor público, que era não mais do que uma marionete impotente. Não se podia esperar dele a menor ajuda. “Se meu irmão for sentenciado à morte, eu não devo receber pena mais amena, pois sou tão culpada quanto ele”, esclareceu Sophie calmamente a ele.

Com todas as suas forças e pensamentos, ela estava nesses dias ao lado de seu irmão, com quem ela se preocupava muito, pois ela pressentia a carga que estava sobre ele. Ela queria saber do advogado, se Hans, como soldado do Front teria direito a morte por fuzilamento. Sobre isso ela obteve apenas uma resposta vaga. O advogado se espantou com suas outras perguntas, se ela seria enforcada em público ou se seria guilhotinada. Ele não esperava que tais perguntas fossem feitas por uma garota.

Sophie tinha um sono profundo de criança nessas últimas noites, desde que não fosse interrogada. Uma única vez ela foi tomada por uma terrível agitação: no momento em que a acusação foi entregue a ela. Depois de lê-la ela suspirou aliviada. “Graças a Deus”, foi tudo o que ela disse.

Então ela se deitou em sua cama e falou em voz baixa e calma observações sobre sua própria morte. “Então, um dia maravilhoso e ensolarado e eu tenho que ir. Mas quantos outros neste momento não morrem em campo de batalha, quantos jovens, vidas cheias de esperança... Mas o que é a minha morte se através de nossos atos foram despertadas e incitadas milhares de pessoas.” É domingo e lá fora inúmeras pessoas despreocupadas passam pelas grades, aproveitando os primeiros raios do sol da primavera.

Quando Sophie foi despertada da sua última noite, ainda sentada em sua cama ela contou seu sonho: “em um dia ensolarado, eu levava uma criança vestida de branco para o batismo. O caminho para a igreja conduzia para o topo de uma montanha íngreme. Mas eu segurava firme e forte a criança em meus braços. De repente, diante de mim estava uma fenda de geleira. Eu só tive tempo suficiente para colocar a criança em segurança do outro lado – então eu me precipitei nas profundezas”. Ela tentava esclarecer o sentido desse sonho simples a sua companheira de cela. “A criança são nossas ideias, que vão prevalecer apesar dos nossos obstáculos. Nós devemos ser os percussores, mas precisamos antes de mais nada morrer por essas ideias.”

Pouco tempo depois sua cela estava vazia e a acusação ficou lá, deixada para trás, e no verso, escrita rapidamente à mão, a palavra liberdade.

Meus pais receberam notícias na sexta-feira, um dia depois da prisão de meus irmãos, primeiro de uma estudante que era nossa amiga, e mais tarde por meio de um telefonema de um estudante desconhecido, cuja voz já soava muito triste e sombria.

Eles decidiram imediatamente visitar a prisão e empreender tudo o que estivesse ao alcance de suas forças para tentar aliviar o destino deles.

Mas o que eles poderiam fazer na sua impotência? Nesses momentos de necessidade e decisão acreditava- se que se podia destruir muros. Como estavam no meio do fim de semana e não se permitiam visitas na prisão, eles foram para Munique na segunda-feira com meu irmão mais novo Werner, que inesperadamente tinha chegado de férias da Rússia há dois dias. Na plataforma, esperava já muito agitado Jürgen Wittenstein, o jovem que havia comunicado a prisão por telefone, que disse: “Não há tempo a perder, o Tribunal do Povo está reunido e o julgamento já está em andamento. Nós temos que nos preparar para o pior”. Por essa velocidade ninguém esperava e só mais tarde saberíamos que se tratava de um “procedimento rápido”, pois os juízes queriam estabelecer um exemplo para outros, com um fim rápido e assustador para essas pessoas. Minha mãe perguntou ao estudante: “Eles vão ter que morrer?” Ele assentiu com a cabeça desesperado e quase não podia mais conter a sua agitação. “Se eu tivesse um único tanque” disse ele na sua dor impotente “e um punhado de pessoas – eu poderia libertá-los, jogar esse tribunal pelos ares e levá-los para a fronteira.” Eles correram para o palácio de justiça e se precipitaram para dentro do salão do tribunal, lotado de convidados nazistas. Os juízes estavam sentados de toga vermelha e no centro deles estava Freisler que vociferava em sua ira.

Os três jovens réus sentavam solitários diante dos juízes, silenciosos e imponentes. Livres e superiores eles davam-lhes as suas respostas. Sophie disse em um momento (ela falara muito, muito pouco, no entanto): “Muitas outras pessoas pensam o que nós escrevemos e dissemos. Elas só não se atrevem a se manifestar”. A postura e a conduta dos três réus foram tão nobre e singular que cativou até mesmo a multidão hostil de espectadores.

Quando meus pais se infiltraram no tribunal o processo já estava perto do fim. Eles puderam ouvir justamente a sentença de morte. Minha mãe perdeu as forças por um instante e precisou ser levada para fora do salão, onde surgiu uma inquietação, pois meu pai gritava: “Ainda há uma outra justiça.” Mas minha mãe rapidamente recuperou o controle, pois ela direcionava todos os seus sentidos e pensamentos só para redigir uma petição para ver seus filhos.

Ela foi maravilhosamente tomada por uma valente presença de espírito, um consolo para os outros que precisariam dela para tal. Meu irmão mais novo se precipitou após a audiência em direção aos três e apertou suas mãos e com isso seus olhos se encheram de lágrimas. Hans colocou a mão com calma no ombro dele e disse: “Seja forte – sem concessões”. Sim, sem concessões, nem na vida e nem na morte. Eles não haviam tentado se salvar enquanto os juízes tentavam impor a mentalidade nacional socialista de maneira que esta parecesse incontestável.. Nada semelhante saiu dos lábios deles. Quem vivenciou um único julgamento político durante o Terceiro Reich sabe o que isso significa. Cara a cara com a morte ou com o cárcere - quem não quis dizer palavras depreciativas contra isso -, mas cara a cara com esses juízes diabólicos muitos procuraram ocultar suas verdadeiras convicções em nome de suas vidas e de um futuro.

A cada um dos três, como de praxe, foi conferida a palavra ao final, para que falassem por si mesmos. Sophie se calou. Christl pediu por sua vida e por seus filhos. Hans tentou apoiar isso e também interceder por seu amigo. Nisso ele foi interrompido por Freisler de maneira grosseira: “Se o senhor não tiver nada para apresentar em seu favor, cale-se por gentileza.”.

 Sobre as horas que se seguiram, palavras provavelmente não serão nunca suficientes para descrevê-las.

 Os três foram levados para a grande prisão de execução de Munique - Stadelheim[[10]](#footnote-11), a qual fica ao lado do cemitério as margens da floresta Perlacher.

 Lá eles escreveram suas cartas de despedida. Sophie pediu mais uma vez permissão para falar com seu interrogador da Gestapo. Ela teria mais uma declaração a fazer. Lembrou-se de algo que poderia aliviar um de seus amigos.

 Christl, que cresceu ateu, pediu que lhe enviassem um padre católico. Ele queria ser batizado, depois de muito tempo dedicando-se internamente a fé a católica. Em uma carta para sua mãe está escrito "Eu agradeço a Você, Você que me deu a vida. Quando eu penso a fundo, vejo que só havia um único caminho para Deus. Eu agora vou um passo a sua frente, para preparar uma recepção magnífica para você...”

Neste ínterim, meus pais conseguiram como por milagre visitar seus filhos uma última vez. Uma autorização dessas era quase impossível de se conseguir. Entre as 16 e 17 horas, eles correram para prisão. Eles ainda não sabiam que definitivamente essas eram as últimas horas de seus filhos.

 Primeiro Hans foi conduzido até eles. Ele estava usando roupas de presidiário. Mas seu passo era leve e ereto e nada externo poderia prejudicar sua essência. Seu rosto estava magro e abatido, como depois de uma luta difícil. Ele inclinou-se carinhosamente sobre a cancela que os separava e deu a mão a todos. “Eu não tenho ódio, eu tenho tudo, tudo a baixo de mim”. Meu pai o abraçou e disse: “Vocês vão entrar para a história, há ainda uma justiça”.

Em seguida, Hans mandou cumprimentos para todos os seus amigos. Quando ele por fim disse o nome de uma menina, uma lágrima correu pelo seu rosto e ele abaixou-se sobre a barreira, e com isso ninguém a veria. Então ele se foi, aprumado, como ele havia chegado.

 Depois Sophie foi conduzida por um guarda. Ela vestia suas próprias roupas e andava lentamente, com calma e muito ereta. (Em lugar nenhum se aprende a andar tão aprumado como na prisão). Ela sorriu quando viu o sol. De bom grado e alegre, ela pegou o doce que Hans tinha recusado: “Oh! Sim, com prazer, eu ainda não almocei nada”. Era uma incomum visão positiva da vida até o fim, até o último momento. Ela também estava com uma aparência magra, mas sua pele estava florescente e fresca –a mãe reparou nisso como nunca –, e seus lábios estavam profundamente vermelhos e brilhantes. “Agora você não entrará nunca mais pela porta”, disse a mãe. “Ah, por alguns aninhos, mãe”, ela respondeu. Então, ela frisou também, como Hans, firme e confiante: “Nós assumimos tudo, tudo” e acrescentou: “E isso causará repercussão”.

 Isso foi naqueles dias sua grande preocupação, se a mãe suportaria que dois filhos morressem da mesma forma. Mas agora, como a mãe estava tão valente e bem diante dela, Sophie estava como que salva. Mais uma vez a mãe disse: “Força, Sophie: Jesus”. Séria, firme e quase ordenando, Sophie devolveu: “Sim, mas você também.”. Então, ela também se foi – livre, sem medo, calma. Com um sorriso no rosto.

 Christl não pode ver mais ninguém de sua família. Sua mulher estava no período pós-parto de seu terceiro filho, sua primeira menininha. Ela só soube do destino de seu marido quando ele já não vivia mais.

 Os carcereiros relataram: “Eles comportaram-se de forma fabulosamente corajosa. A prisão inteira estava impressionada. Por isso, nós assumimos o risco de unir os três mais uma vez, um pouco antes da execução – se descoberto, isso traria graves conseqüências para nós. Nós queríamos que eles pudessem fumar mais um cigarro juntos. Foi por apenas alguns minutos, mas eu acredito que isso significou muito para eles. ‘Eu não sabia que a morte pode ser tão simples’, disse Christl Probst. E então: ‘Em poucos minutos, nós nos veremos novamente, na eternidade’.

 Então, eles foram levados, primeiro a garota. Ela foi sem hesitar. Nós todos não podíamos compreender, que algo assim fosse possível. O carrasco disse que ele ainda não tinha visto ninguém morrer assim.”

 E Hans, antes de deitar sua cabeça sobre o bloco, gritou tão alto, que ecoou através da ampla prisão: “Viva a Liberdade”.

 Primeiro pareceu que com a morte desses três, tudo estava encerrado. Eles desapareceram silenciosamente e quase secretamente na terra do cemitério Perlacher, enquanto um brilhante sol de um dia primaveril se inclinava para extinguir-se. “Ninguém tem amor maior que aquele que deixa sua vida por seus amigos”, disse o padre, o qual professava para eles como a um dos seus e os acompanhou repleto de compreensão. Ele nos deu a mão e indicou o sol poente. E disse: “Eles nasceram novamente”.

 Depois de pouco tempo, porém, ocorreram novas prisões, uma atrás da outra. Um segundo julgamento foi pronunciado, além de uma série de penas de prisão, e mais três sentenças de morte foram anunciadas pelo Tribunal do Povo: para Professor Huber, Willi Graf e Alexander Schmorell –nós soubemos disso em uma sexta-feira santa na prisão.

 Nas notas do Professor Huber, o qual também trabalhou na prisão incansavelmente em sua obra científica, antes e depois da sentença, encontrou-se o seguinte esboço para “Últimas Palavras do Acusado”. São palavras que, como é relatado, foram repetidas diante do ‘Tribunal do Povo’, pelo menos no sentido geral: “Como cidadão alemão, como professor universitário alemão e como pessoa política, eu considero não só como direito, mas também um dever moral colaborar na realização do destino alemão, revelando e combatendo os danos evidentes... ”

 O que eu pretendia era o despertar do círculo estudantil, não por meio da organização, mas sim através da palavra singela, não por meio de um ato de força, mas sim pelo conhecimento moral dos graves danos causados por essa vida política. Retornar para esclarecer os princípios morais, por um Estado de direito, pela confiança mútua, de pessoa para pessoa. Isso não é ilegal, mas sim, ao contrário, é o restabelecimento da legalidade. Eu me perguntei no sentido do imperativo categórico de Kant[[11]](#footnote-12), o que aconteceria, se esta máxima subjetiva das minhas ações se tornasse uma lei universal. Só pode haver uma resposta: a ordem, a segurança, a confiança seriam restabelecidas no nosso Estado, na nossa vida política. Todos os responsáveis morais levantariam conosco a sua voz contra o domínio do poder puro sobre a lei, da arbitrariedade pura sobre a intenção do bem moral. A exigência da livre autodeterminação e também de uma pequena parte do povo é violada na Europa inteira, não menos a exigência da moeda e da característica racial e nacionais. A exigência fundamental da verdadeira comunidade do povo é destruída através da aniquilação sistemática da confiança de pessoa para pessoa. Não há sentença mais terrível sobre uma comunidade do que a confissão, que nós todos devemos fazer, de que ninguém se sente protegido de seu vizinho, nem mesmo o pai protegido de seu filho.

 Isso era o que eu queria e precisava.

 Para toda legalidade externa há um último limite, onde ela se torna mentirosa e imoral. Ou seja, quando ela se torna um pretexto de covardia, o qual não se atreve manifestar contra a notória violação da lei. Um Estado que detém cada liberdade de expressão, mas também cada crítica moralmente autorizada, cada proposta de melhora como ‘Preparação de alta traição’, e coloca todos sob a pena de um castigo terrível, viola a lei verbal, a qual ainda estava viva ‘no sentimento popular sadio’ e assim deve permanecer.

 Eu atingi um objetivo, não apenas transmitir este aviso e reclamação em um pequeno grupo de discussão privado, mas também em um lugar responsável e da corte de justiça superior. Eu luto por esta reclamação, e para realizar este apelo insistente para um retorno, eu uso a minha própria vida. Eu reivindico a liberdade para o nosso povo alemão. Nós não queremos manter nossa vida curta sob correntes de escravos, que seriam as correntes douradas das farturas materiais.

 Eles me deram o posto e o direito do Professor universitário e a ‘*summa cum laude*’[[12]](#footnote-13) pelo doutorado desenvolvido e eu me igualei ao mais baixo criminoso. A dignidade interior do professor universitário, que confessa aberta e corajosamente a sua visão do mundo e do Estado, não pode me privar do processo por alta traição. Minhas ações e desejos são justificados pelo curso inflexivel da história; e nelas eu confio inabalavelmente. Eu tenho esperança em Deus, que as forças espirituais que justificam isso possam desobrigar-se a tempo de meu próprio povo. Eu agi, como eu devia agir segundo uma voz interior. Eu aceito as conseqüências sobre mim depois da bela palavra de Johann Gottlieb Fichte:

E agir deves tu como se de ti

E de tuas ações dependessem

O destino das coisas alemãs

E a responsabilidade tua fosse.

Naquela época, se ouvia que na sequência algo como oitenta pessoas foram presas em Munique e em outras cidades no sul e oeste da Alemanha. Em meio a elas, estavam parentes na mais completa inocência que foram pegos pela “Sippenhaft”. “O clã é responsável pelo traidor” era a ordem da justiça de então, e para tal foi instituída prontidão total para sufocar no germe qualquer atividade. No segundo processo, em 19 de abril de 1943, no qual foram sentenciados a morte o professor Kurt Huber, Willi Graf e Alexander Schmorell, estavam outros onze réus perante o tribunal. Três estudantes que ainda terminavam a escola, Hans Hirzel, Heinrich Guter und Franz Müller, que foram sentenciados a penas de até cinco anos de prisão. As estudantes Traute Lafrenz, Gisela Schertling und Karin Schüddekopf, que eram do círculo de amigos dos meus irmãos, foram sentenciadas a um ano de prisão e Suzanne Hirzel foi sentenciada a seis meses. Penas duras de detenção de até dez anos de trabalhos forçados foram impostas ao estudante de medicina Helmut Bauer e aos assistentes Dr. Heinrich Bollinger e Eugen Grimminger. Grimminger era conselheiro econômico em Stuttgart naquela época, e amigo de juventude de nosso pai. . Ele havia realizado diariamente de maneira exemplar a sua resistência passiva, e em especial a sua evidente disponibilidade contra a opressão e perseguição. Ele apoiou a ação de Munique financeiramente. Do mesmo modo, sua mulher, Jenny Grimminger, foi levada para a prisão mais tarde e em dezembro de 1943 assassinada em Auschwitz. Bauer e Bollinger pertenciam ao círculo de amigos de Willi Graf, que já sentia há anos uma violenta rejeição contra o nacional socialismo. Sobre Bollinger, sabemos que ele participou do início da preparação da resistência ativa, posto que ele organizou um pequeno depósito de armas.

É característico que na esfera pública alemã da época não apareça nenhuma palavra sobre isso neste longo e enervante processo.

Uma notícia escassa, algo como trinta linhas, apareceu no ‘Völkischen Beobachter’, que a título de bagatela apareceu sob o nome de “Pena justa contra traidores a luta da pátria”.

Apesar disso, a notícia sobre os eventos de Munique se propagou como um raio até o front mais distante na Rússia. Ela foi como uma onda de alívio através dos campos de concentração, prisões e guetos. Finalmente algumas pessoas haviam pronunciado aquilo que oprimia tanto a milhões. O que um outro lutador da resistência , Helmut von Moltke , exigiu mais tarde ( “Fazei de nós uma lenda ”), havia tomado corpo em poucas semanas. Seria certamente diferente em um mundo onde a imprensa e a televisão produzem um eco imediato e repetido, talvez a eficácia fosse mais intensa. O submundo tem suas próprias leis.

Estranhamente no dia 13 de julho de 1943, dia da execução do Professor Huber e Alexander Schmorell, seguiu-se um terceiro processo relativo à ação dos estudantes de Munique. Quatro velhos amigos do círculo de relações deles foram colocados diante do Tribunal Especial (*Sondergericht*): o vendedor de livros Josef Söhngen, que havia prestado grande ajuda na ação dos panfletos, Harald Dohrn, sogro de Christoph Probst, o pintor Wilhelm Geyer e o arquiteto e pintor Manfred Eickemeyer, que haviam colocado a disposição seu ateliê para as reuniões e atividades do grupo. Eles foram sentenciados a entre três e seis meses de prisão.

As últimas vítimas fatais no círculo de Munique foram Harald Dorhrn e seu cunhado Hans Quecke. Os dois haviam procurado colocar seus funcionários a serviço da “Ação de liberdade”, uma ação que apareceu nas últimas semanas da guerra, na primavera de 1945, sob liderança do advogado Dr. Gerngroß, que consistiu na ocupação da rádio de Munique e que foi anunciada por militantes da resistência. Em decorrência disso, eles foram descobertos por agentes da SS e executados a tiros em uma floresta nos arredores de Munique. Isso ocorreu a apenas algumas centenas de metros de distância das covas onde as primeiras vítimas foram sepultadas, Sophie, Hans e Probst.

No verão de 1943, particularmente no fim do outono e em dezembro de 1943, foi descoberto um outro complexo de um círculo de resistência, que mais tarde entrou para a história da resistência alemã sob o nome de “ Ramo de Hamburgo da Rosa Branca”. Ele era semelhante ao de Munique, um círculo de estudantes e intelectuais, que segundo as informações de sobreviventes, articulava cerca de 50 pessoas. Oito pessoas, principalmente estudantes que formavam o núcleo ativo deste círculo, mas também outros que apenas o tangiam, encontraram a morte com isso.

Hans Konrad Leiptelt, nascido em 18.7.1921,estudante de ciências naturais decapitado em 29.1.1945 na prisão de München- Stadelheim

Gretha Rothe, nascida em 13.6.1919 candidata a estudante de medicina falecida em 15.4.1945 no hospital de Leipzig-Dösen pelas conseqüências de sua captura.

Reinhold Meyer, nascido em 13.6.1919, estudante de filosofia. Pereceu em 12.11.1944 na prisão Hamburg- Fuhlbüttel.

Frederick Geussenhainer, nascido em 24.4.1912, candidato a estudante de medicina pereceu em abril de 1945 no campo de concentração de Mauthausen[[13]](#footnote-14)

Khatarina Leipelt, Dr. em Ciências Naturais, mãe de Hans Konrad, nascida em 28.5.1893- levada à morte em 9.1.44 na prisão de Hamburg- Fuhlsbüttel

Elisabeth Lange, nascida em 7. 7.1900, levada à morte em 28.1.1944 na prisão de Hamburg- Fuhlsbüttel.

Curt Ledien, Dr. na área de direito, nascido em 5.6.1893- enforcado em 23.4.1945 no campo de concentração de Neuengamme.

Margarethe Mrosek, nascida em 25.12.1902-enforcada em 21.4.1945 no campo de concentração de Neuengamme.

Em um relatório de Ilse Jacob, o grupo de Hamburgo seria apresentado da seguinte forma:

“O círculo de Hamburgo ‘Rosa Branca’ se uniu sob o efeito do primeiro panfleto de Munique. Os participantes isolados mal se conheceram, muitas vezes só se encontrando pela primeira vez na prisão e em campos de concentração. Os esforços, o trabalho de coordenar o círculo único de Hamburgo, foi sobretudo de Albert Suhr e Heinz Kuchatski, que por exemplo, tinham planejado também arranjar um transmissor. Os participantes do círculo se encontravam mais tarde regularmente para noites de discussão em duas livrarias em Hamburgo, e especialmente junto ao famoso livreiro Felix Jud.

 No grupo de Hamburgo havia alguns integrantes de 17 anos que ainda iam à escola ou que estavam nos trabalhos ou serviço de ajuda à guerra. Eles foram educados pelas escolas e organizações juvenis nazistas. Sua resistência começou com o protesto escrito por um deles, como Thorsten Müller. Eles seguiram suas inclinações e interesses e pensaram ou fizeram coisas que seriam as mais naturais do mundo em Cambridge e Basel – mas na Alemanha elas se tornaram um ‘grande conflito político’ para a polícia secreta do Estado e o Tribunal do Povo que trabalhou com zelo nos casos de alta traição.”

Em um livro de Ursel Hochmuth/ Gertrud Meyer publicado em 1969 sob o título de
‘Streiflichter aus Hamburg Wiederstand 1933- 1945’ (Destaques da resistência em Hamburgo 1933-1945) o ramo de Hamburgo da Rosa Branca é tratado em detalhes.

A ligação entre o círculo de Munique e de Hamburgo foi estabelecida pela estudante de medicina Traute Lafrenz, nascida em Hamburgo, que estudava desde 1941 em Munique, e era amiga próxima de Alexander Schmorell, Hans e Sophie Scholl.

Ela entregou, no outono, os panfletos da Rosa Branca criados no verão de 1942 para os colegas de Hamburgo, Gretha Rothe, Heinz Kucharski e Karl Ludwig Schneider.

Pouco tempo depois da execução da primeira sentença de morte, o estudante de química Hans Konrad Leipelt, se preocupou com que os panfletos da Rosa Branca continuassem a ser distribuídos. Além disso, ele organizou uma ação de ajuda para a viúva sem recursos do Professor Hueber e suas duas crianças, já que o Estado Nazista havia lhe negado a pensão.

Hans Konrad Leipelt, nasceu em 1921 em Viena e cresceu em Hamburgo. Seus pais eram químicos. A mãe vinha de uma família judia. Hans e sua irmã tiveram educação evangélica, mas foram marcados pela lei de Nuremberg de 1935 como “judeu hibrido de 1. Grau”. Aos 16 anos Hans já havia realizado o Abitur e se inscreveu de livre e espontânea vontade no serviço ao Reich e nas forças armadas. Na campanha francesa ele alcançou a condecoração da cruz de ferro II e a medalha do emblema do tanque (Panzer).

Pouco tempo depois foi instituída uma nova lei, a “dispensa desonrosa” das forças armadas de todos os “meio judeus”. Hans pôde de fato começar seus estudos de química em 1941 em Hamburgo, mas já um ano depois ele foi banido da universidade, pois “mestiços de judeu” não podiam mais estudar. Hans foi para Munique. O instituto de química da Universidade de Munique sob a direção do ganhador do prêmio Nobel professor Heinrich Wieland era como um refúgio para os opositores e perseguidos pelo regime. O instituto desses nobres e destemidos cientistas ia contra a lei nazista de raça, admitindo estudantes não arianos de ambos os sexos e por isso podiam esperar pelos trabalhos forçados e pelo pior. Enquanto Leipelt estudava em Munique em 1942 sua avó foi assassinada em Theresienstadt[[14]](#footnote-15).

Pouco tempo após a prisão de Hans e Sophie ele obteve o sexto panfleto da Rosa Branca. Junto com sua namorada, Marie-Luise Jahn, ele copiou o texto e lhe deu um título: “E apesar de tudo o espírito deles continua vivo!” Os dois distribuíram os panfletos e os levaram também para Hamburgo.

Depois que Traute Lafrenz foi anulada pela Gestapo, o trabalho de conexão entre os estudantes resistentes em Munique com Hans Leipelt em Hamburgo cessou. A coleta secreta de dinheiro para a sra. Huber causou sua queda: ele foi preso em oito de outubro de 1943. Sua mãe, a Dra. Katharina Leipelt e sua irmã Maria foram presas devido à lei Sippenhaft. A mãe morreu em nove de dezembro de 1943 na prisão Fuhlsbüttel, aparentemente por suicídio.

 Um ano após a prisão de Leiplet, em treze de outubro de 1943, se deu o quarto processo contra a Rosa Branca. Com isso, Hans Konrad Leipelt foi condenado à morte e Marie-Luise Jahn à doze anos de trabalhos forçados na prisão de Zuchthaus. Foram infligidas penas bastante duras também aos outros dois co-réus que também trabalhavam no Instituto de Química em Munique. Leipelt foi levado para a prisão de segurança máxima de München- Stadelheim, como os outros seis antes dele. Lá ele foi executado em 29 de janeiro de 1945 com a guilhotina.

Em Hamburgo foram preparados no total ainda quatro outros processos que foram os seguintes: ‘Matéria penal Kucharski e outros’, ‘ Suhr e outros’, ‘Schneider e outros’ e ‘Himpkamp e outros’. Mais três participantes do grupo de Hamburgo ainda foram sentenciados.

O tribunal do povo condenou Heinz Kucharski à morte em 17 de abril de 1945, Dr. Rudolf Degkwitz pegou um ano de prisão e Felix Jud foi condenado a quatro anos de prisão em Zuchthaus.

Foi uma sorte para o grupo de Hamburgo que os processos tenham se delongado tanto e outras pessoas não tenham sido dilaceradas pelo redemoinho em turbilhão. Os aliados vieram acabar com os planos dos nazistas. Suhr e outros ainda que ainda contavam com a pena de morte não foram mais sentenciados e Kucharski que se encontrava a caminho da prisão de segurança máxima Bützow- Dreibergen pode escapar de seus carrascos por um fio de cabelo. Os outros presos foram libertados em maio de 1945 em Hamburgo, Stendal, Bayreuth e em outros locais.

Nos primeiros meses de 1945 o mundo inteiro aguardava com a respiração em suspenso que o fim da guerra ocorresse a qualquer momento e com isso o fim do regime nazista. Naquele momento, por toda a parte, os presos e condenados à morte deixavam em suspenso à esperança flamejante de que talvez ganhassem a corrida contra o tempo. Por outro lado o risco aumentava, pois o olhar sobre o próprio ocaso tornava o regime ainda mais brutal.

1. Völkischer Beobachter: Jornal publicado pelo partido Nazista; suas primeiras edições aparecerem em dezembro de 1920, quando era editado duas vezes por semana, até se tornar diário a partir de oito de fevereiro de 1923. Sua última edição data de 30 de abril de 1945, pouco antes da capitulação alemã na Segunda Guerra Mundial. [↑](#footnote-ref-2)
2. O Gauleiter era o chefe de distrito. [↑](#footnote-ref-3)
3. . O *Gauleiter* disse isso durante um discurso de comemoração de 470 anos da universidade, o que gerou uma grande revolta nos estudantes que enfrentaram a polícia para defender as suas colegas. [↑](#footnote-ref-4)
4. Dirigia a fundação de caridade *Bodelschwinghsche Stiftungen Bethel,* que oferecia atendimento de saúde e outras vantagens para os pobres. [↑](#footnote-ref-5)
5. Betel em hebraico significa “casa de Deus”e está localizada em Israel, é a cidade mais mencionada na bíblia depois de Jerusalém. As Testemunhas de Jeová utilizam esse nome para designar todos os seus edifícios administrativos e blocos residenciais para seus trabalhadores permanentes. [↑](#footnote-ref-6)
6. Ernst Udet foi um piloto de caça considerado um herói durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1934, ele juntou-se à Luftwaffe, apesar de não estar completamente de acordo com a ideologia nazista. Insatifeito com a sua função, se suicidou em 17 de novembro de 1941, ao saber das atrocidades cometidas ao longo da guerra. [↑](#footnote-ref-7)
7. Erwin Rommel foi um marechal-de-campo do exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Ao longo do tempo, se tornou um crítico ao governo de Hitler. Por possuir ligações com os oficiais que executaram o atentado de 20 de julho, Rommel foi obrigado a ingerir veneno para suicidar-se ou sua família seria confinada em um campo de concentração. [↑](#footnote-ref-8)
8. Um palácio construído em 1848 para o príncipe herdeiro Maximilian II. Em outubro de 1933, se tornou sede da Gestapo e em 1934/35, a prisão da Gestapo. Foi fortemente danificado em 1944 pelos bombardeiros aliados. [↑](#footnote-ref-9)
9. Era uma forma de punição praticada durante o regime nazista, em que parentes de pessoas acusadas de crimes contra o Estado, também eram responsabilizados por esses crimes e, portanto, estavam sujeitos à prisão ou à pena de morte. [↑](#footnote-ref-10)
10. A prisão de Stadelheim foi fundada em 1894, nos arredores de Munique. Lá foram realizadas inúmeras execuções com o uso da guilhotina durante o período nazista. Hans, Sophie, Cristopher Probst, Alexander Schmorell, Willi Graff e o professor Kurt Huber foram executados lá. [↑](#footnote-ref-11)
11. Para o filósofo alemão Immanuel Kant, o imperativo categórico é o dever de toda pessoa de agir conforme os princípios que ela quer que todos os seres humanos sigam, que ela quer que seja uma lei da natureza humana. [↑](#footnote-ref-12)
12. “Com a maior das honras”. Representa a maior distinção possível para a avaliação de um trabalho acadêmico de mestrado ou doutorado. As outras distinções seriam *Magna cum lade*, com grandes honras e *Cum lade*, com honra. [↑](#footnote-ref-13)
13. Complexo de campos de concentração, extermínio e trabalhos forçados, localizado na Áustria, a cerca de 20km da cidade de Linz. Este campo era especialmente destinado a inimigos ideológicos do regime nazista. [↑](#footnote-ref-14)
14. Theresienstadt foi inicialmente um forte construído entre 1780 e 1790, na região noroeste da Boemia, atual República Tcheca. Ao se tornar obsoleta como forte, a instalação passou a ser usada como prisão para presos militares e políticos. Em 10/01/1940 a Gestapo tomou posso do local, transformando-o em prisão e mais tarde, em 24/11/1941 em um gueto murado. Theresienstadt foi um gueto usado como estagio intermediário para judeus que seriam levados para Auschwitz. Lá eram concentradas muitas pessoas de alta formação e cultura. Em função disso era usado como fachada para o mundo, para dissimular o que de fato ocorria no holocausto, utilizado o trabalho de músicos, compositores e até mesmo artistas da área de cinema, que foram obrigados a realizar um documentário sobre o local, para tal. [↑](#footnote-ref-15)